

Empresários querem a volta do crescimento

Brasil. 24 AGO 1989

JORNAL DO BRASIL

SÃO PAULO — Tendo contrariado as expectativas mais pessimistas e afastado temporariamente o fantasma da hiperinflação, a economia brasileira precisa acertar o passo e retomar o desenvolvimento. Esse foi o tema debatido pelos empresários que participaram ontem da abertura do seminário Economia Brasileira: Retomada do Desenvolvimento, promovido pela Federação e Centro do Comércio do Estado de São Paulo. Mais uma vez, os empresários insistiram na redução do intervencionismo estatal na economia, mas continuam entregando ao governo os poderes e a responsabilidade de orquestrar a estabilização e o crescimento.

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Mário Amato, exemplificou que, embora exista um consenso sobre o diagnóstico da economia, não existe convergência no encaminhamento das soluções e cada um defende os interesses do seu setor. "Não pode haver regras para a privatização das estatais. Cada caso deve ser estudado isoladamente", respondeu ele à pergunta do presidente da Federação e Centro do Comércio do Estado de São Paulo, Abram Szajman, que alertava para o perigo das estatais serem compradas pelos donos do mercado em que atuam, o que reforçaria a estrutura oligopolizante da economia. "Se quem já domina, compra, o poder aumenta muito. É preciso pulverizar o capital das estatais a serem privatizadas", afirmou Szajman.

O presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), Léo Cochrane Júnior, acredita que, no caso das privatizações, "o que deve ser focado não é se é oligopólio ou não, mas a eficiência do setor." Ele se disse contra os juros subsidiados para a compra de estatais: "Todo mundo critica a estatização da economia, mas na hora de comprar algo do governo, todos defendem a criação de um sistema incentivado", observou, ressaltando que os bancos ganham com a inflação da mesma forma que as empresas capitalizadas.

Reclamações — Enquanto Amato apresentou a boa performance da indústria paulista nos últimos sete meses e ressaltou que o próximo presidente da República não precisa ser paulista, mas que não pode ignorar São Paulo, Szajman ressaltou que as vendas do comércio devem apresentar uma queda de 8% em agosto e que a situação se equilibrará em outubro. Cochrane recla-

mou da falta de liberdade do setor financeiro para poder aplicar os recursos da poupança onde bem entender e disse que a saída é um governo que governe, empresa que trabalhe e assalariado que receba a remuneração adequada.

O presidente da Sociedade Rural Brasileira, Flávio Teles de Menezes, garantiu que a agricultura precisa pelo menos o dobro dos recursos previstos para seu custeio (US\$ 3,2 bilhões). "Isso levará à redução de encomendas de insumos e equipamentos industriais. As entregas de fertilizantes já caíram 33% em julho e devem atingir 50% em agosto", afirmou ele.

Para tirar a agricultura do atual sufoco, Menezes listou vários pontos, como a luta contra o protecionismo agrícola internacional. "O Brasil precisa cair na real. A agricultura europeia sempre será subsidiada", retrucou Amato, que ressaltou considerar normal que os interesses dos vários setores da iniciativa privada se choquem. "O que emperra tudo é o Estado. O setor privado precisa se unir em torno de princípios de economia de mercado, democracia e liberdade de iniciativa", disparou Menezes. Todos os empresários presentes condenaram a regulamentação do projeto de taxação de grandes fortunas do senador Fernando Henrique Cardoso e apoiaram a lei antitruste com a ressalva de não estarem muito familiarizados com o projeto.

Inflação — Os economistas que participaram do seminário Economia Brasileira: Retomada do Desenvolvimento não estão tranquilos quanto à estabilização da inflação num patamar de 30% ao mês. O diretor da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (USP), Roberto Macedo, garante que essa estabilização não existe. "A inflação continuará subindo, pode ser devagar, mas subindo, e qualquer coisa pode precipitar o processo hiperinflacionário", disse. Para o economista, o governo deveria tratar a economia como um paciente que será encaminhado para a cirurgia. "É preciso chamar os parentes, falar de possíveis desfechos trágicos e arrumar a papelada do seguro de vida."

O economista Celso Martone, também da USP, ressaltou a existência de um déficit estrutural crônico, "que se repete e, por inércia, se amplia ano-a-ano", afirmando que o setor industrial voltado para o mercado interno está estagnado.